



Cavaleiros, cavalos, livro, pinha e parafusos

No final da década de cinquenta ou início dos anos sessenta, era possível observar um equídeo castanho, luxuosamente brilhante, montado por Cavaleiro vestido com fato nobre, onde nem faltava os apropriados mas luxuosos chapéu e arreios, a passearem pelas ruas centrais da cidade do Porto.

O cavalo num passo bailado levantava geometricamente as patas fazendo a minha delícia da adolescência.

Era vulgar vê-los em Stxatarina ou na avenida dos Aliados, no meio do transito, então muito mais denso que hoje mercê do baixíssimo custo da gasolina.

Por interessante casualidade, nesse tempo faltaram quatro cavalos num jogo do Grupo!!!!

Só levaram os cavalos, todas as restantes peças estavam na respectiva caixa!

Não acredito que os roubaram por fazerem falta em qualquer jogo domestico ... Algum motivo, verdadeiramente inimaginável, produzia uma profunda sombra, encobrendo a razão para tal facto.

Seria por influência psicológica deste cavaleiro que orgulhosamente se troteava nas principais ruas da cidade do Porto? Tal hipótese, também não me parecia racional

Nunca, no Grupo, soubemos o destino dos cavalos; duvido que se tenham adaptado a uma nova vida separada dos Bispos e das Torres. Mas, quem sou eu para julgar a amizade dos cavalos pelos bispos? Os franceses dizem, ironicamente, que, no xadrez, são os "Fous " quem está mais próximo dos Reis (" Les fous sont aux Echecs les plus proche des Roys" Mathurin Regnier, Satires, XIV siecle).

A falta dos cavalos foi resolvida. Luis Oliveira, senhor dos seus quarenta e tantos anos, de estatura frágil e usando um bigodinho graciosamente aparado, propôs-se completar o jogo sacrilegamente mutilado.

Fez uns cavalos exactamente iguais aos faltosos mas, e isto é muito importante, sem utilizar madeira! Os novos cavalos eram de liga metálica pretos e brancos, e hoje estão exibidos numa prateleira do Grupo!!! São pesados e brilhantes como o cavalo do misterioso Cavaleiro que passeava pelas ruas da cidade do Porto.

Os cavalos do senhor Oliveira, pelo seu peso, motivavam que os sócios só pegassem nesse jogo quando todos os outros estivessem ao serviço. Logicamente, a recusa era feita procurando não ferir a boa intencionalidade do Sr Oliveira.

Tempos depois o distinto Cavaleiro foi julgado no Tribunal dos Pequenos Delitos, com notícia bem divulgada no Jornal de Notícias... e acabaram, na cidade do Porto, em pleno século XX os passeios do século XIX.

O Senhor Oliveira também algum tempo depois mudava de cidade e nunca mais voltou.

Suponho que foi para os lados de Leiria.

Antes, o Sr Oliveira havia emprestado a Bernardino Passos um livro de xadrez e este repetidas vezes prometia devolvê-lo ... mas sempre se esquecia de o trazer!!

O Sr Oliveira, em certa ocasião, entendeu que era abusiva a atitude do Passos e falou-lhe em tom mais agressivo, dizendo que necessitava do livro para se preparar para um torneio. O argumento era pouco lógico, porque não era esse livro que daria a força escaquista que escasseava ao Sr. Oliveira. O Passos ainda tentou responder, mas, educadamente, saiu do Grupo com passo apressado, nervosamente.

Talvez uma hora depois, entrou de novo no Grupo, com o mesmo passo apressado, e, esbaforido, estendeu a mão com um livro, dizendo: --Aqui está o seu livro

E completou o acto com umas palavras intensas de agressividade que nunca mais me esqueceram:



-- O SEU LIVRO NÃO ME ENSINOU NADA!!!!

Quando o Presidente Kennedy foi assassinado, em Novembro de 1963, estava eu em Coimbra. Tinha convencido os meus pais da verdade: em Coimbra o 39 ano de engenharia era mais fácil. Joguei muitas vezes xadrez no Convívio da Associação Académica e no convívio de colegas senti-me rei sentado no trono dos escaques.

Na Associação, informaram-me de um estudante que tinha 4 cavalos de xadrez e todos os dias os limpava e lhes dava aveia!!!

Os 4 Cavalos constituíam, por assim dizer, a razão de ser da sua vida!

E ele ..., pensei para comigo mesmo, é ele o ladrão dos cavalos do Grupo.

Num ímpeto resolvi procurá-lo com desejos de vingança, qual pistoleiro do Far West eu tinha que meter duas balas no tóquio do ladrão de cavalos.

Rapidamente, porém, a minha moína foi dando voltas e acabei pensando de modo frio e filosófico; afinal, por intermédio do sr Oliveira, o Grupo até já estava ressarcido ... mas:

--Qual o motivo que faria um estudante dos últimos anos de Direito roubar cavalos para ter o trabalho de os lavar e limpar, pondo-lhes o brilho do cavalo que passeava nas ruas do Porto?

Ainda mais ... dar de comer a bichos de pau?!!!!

Para mim o rapaz não funcionava bem da pinha. Então, entendi que era importante analisar a sua psicologia. Quem sabe se eu, futuro engenheiro e cheio de convicções, não teria entre mãos uma nova teoria psiquiátrica?

Dirigi-me à REAL REPUBLICA DO BOTA ABAIXO para conhecer tão importante criatura que com alegria tratava cuidadosamente os cavalos furtados ao GRUPO.

Foi para mim uma enorme tristeza quando, a porta da REAL REPUBLICA, um habitante me informou que era de facto verdade ... só que esse estudante tinha terminado o Curso e já não estava em Coimbra.

Subitamente, senti em mim a mágoa de ter perdido o rasto do ladrão que ... se calhar ... até não era o ladrão ... Nesse momento, já se me havia partido a raiva eu já era seu grande amigo ... e de longa data.

Será que estas minhas metamorfoses mentais estão incluídas no pensamento de outro ex-associado, dr João Andressen, a viver em Guimarães, segundo creio:

-- Só joga xadrez quem não tem os parafusos todos.

Estou convencidíssimo que o Andressen não conhecia o adágio popular francês que diz:

Un sot ne joue pas aux echecs, mais il faut être fou pour y jouer.

Cá por mim, sou feliz por ser um maluquinho do xadrez, embora sinta que os meus anos estão a atenuar-me a loucura. Tristezas da velhice ...

O Passos faleceu prematuramente na década de oitenta. Ele também era um maluquinho do Xadrez. Ao Passos e a todos os maluquinhos do xadrez já falecidos, a minha profunda e sentida Homenagem.